

DOIS INÉDITOS ACÊRCA DAS ILHAS DO FAIAL, PICO, FLÔRES E CÔRVO:

«SAÚDADES DA TERRA» (SÉCULO XVI), POR GASPAR FRUTUÔSO
E «ESPÊLHO CRISTALINO EM JARDIM DE VÁRIAS FLÔRES»
(SÉCULO XVII), POR FREI DIÔGO DAS CHAGAS,

COM UMA INTRODUÇÃO E ANOTAÇÕES DE ANTÓNIO FERREIRA DE SERPA

(Cont. do n.º 5, pag. 256)

Um projectado porto militar na Ilha do Faial em 1629 (1)

No opúsculo *A importância estratégica da Ilha do Faial*,
dissémos em 1903:

«A magnífica posição geográfica do Arquipélago dos Açores, em pleno Atlântico, quasi a meio caminho entre a Europa e a América, ponto obrigado da passagem dos navios que põem em comunicação o Vêlho e o Nóvo Mundo, tem chamado a atenção dos que, quer no estrangeiro, quer dentro da nóssa casa, estudam as questões militares, a politica internacional ou de alianças de Portugal e o futuro dêste país. As grandes manôbras navais, que a Inglaterra acaba de realizar naquêlas águas, dão cunho de actualidade e de interêsse às considerações que vamos expôr».

Até Dom Sebastião passou despercebida a valia militar dos Açores.

A actividade nacional e official exercia-se em outra direcção, e ainda não eram inimigos para temêr os inglêses e holandêses, com os quâis, mais tarde, estariâmos em guêrra.

.....

(1) Do *Boletim Marítimo da «Liga Naval Portuguesa»*, série IX, n.º 2. Lisboa, 1910.

Filipe II alfim conseguiu conquistar os Açores, conquista que não lhe fôí fácil, que não lhe ficou barata, e que fôí cruenta.

Em guérria com a Gran-Bretanha o Demónio do Meio-Dia, dentro de pouco tempo os mares das ilhas fôram, a miúdo, visitados por piratas inglêses, que alí iam esperar os galeões espanhóis e portugueses, para os apressar.

Não éra vergonhoso o mistér de pirátas. Nóbres lórdes e condes, súbditos de Sua Graciósa Magestade, a Rainha Isabel, a filha do célebre Henrique VIII, e não mênos célebre que seu augusto e polígamo pái, tomáram o comando de navíos destinados a roubar!

Linschoten, que nêsse tempo estava em Ângra, escreve:

«A sete léguas da Ilha de S. Jorge, a oeste-sudoeste, está a Ilha chamada *Faial*, contendo 17 ou 18 léguas de circuíto, a maior déstas Ilhas depóis da Terceira e S. Miguél, a qual abunda em tôdas as cousas necessárias à vida; porque éla mêsmo fornêce a Ilha Terceira de gado e de peixe e é celebrada pelos inglêses, devido ao pastél que alí se cultivava. A sua principal povoação é *Vila Dorta* onde igualmente (*sic*) por falta de pôrto de abrigo os navíos ficam expóstos ao mar. O castélo que alí existe é inexpugnável. Ora, a pedido dos habitantes, queixando-se das despêsas que fazíam para mantêr a guarnição e o incómodo que disto têm, oferecendo-se êles mêsmos para defender a Ilha, o Rei fêz dali retirar os soldados. Mas como Mylord Cómberlând (Cumberland) invadissee a Ilha, arrázasse o castélo, lançássee as peças de artilharia ao mar e tomássee algumas caravélas, o Rei irritado contra os habitantes, castigou algúns e fêz enviar nôva guarnição da Terceira.

«Algúns habitantes da raça flamenga alí habitam, os quáis, com o tempo, se acostumáram à língua portuguésa, não existindo mais naturais de Flandres. Estimam muito os da Nação Flamenga que vêem com prasêr....

«Em 27 de Outubro de 1589, Mylord Commerland (Cumberland) pairava por éstas Ilhas e aproximáva se da cidade de Ângra.

«Desembarcou na Ilha do Faial e na Graciósa, onde tomou divêrsas caravélas, com grande espanto de tôdos os insulâres. Três ou quatro dias depóis chegáram à Ilha do Faial seis navíos da Índia, sôb o comando de Jan Doryves (*sic*) transportando 14 milhões de ouro e prata.

«Em Agosto de 1589 um parlamentarío inglêz, enviado

para pedir viveres na Ilha do Faial, fôï môrto por um tiro de artilharia, o que levou os inglêses a vingar-se, de sôrte que o capitão da Terceira fôï constrangido a enviar-lhes algumas caravêlas com pólvora e biscoitos, com o fim de acalmá-los».

Éram então 20 os navios inglêses, comandados por Martin Forbischer.

*
* *

Evidenciada assim a importância dos Açôres, por alí se reünirem os navios que regressávam da Índia, e que, formando *combóio*, seguiam para o Reino, acrescida éssa importância pela permanência naquêles mares de numerosas embarcações inimigas, voltou-se fatalmente a atenção dos governantes para o problêma, que tinham diante de si, a resolvêr, sem delongas.

Não se fizéram esperar as providências da metrópole.

Três anos depois da incursão de Cumberland, em 1592 (Alvará de 11 de Abril), o Rei provia à fortificação da Ilha do Faial, nêstes têrmos:

«Eu El-Rei faço sabêr aos que êste Alvará virem, que vistas as cousas que os oficiais da Câmara da Vila de Hórta da Ilha do Faial, alégam na carta que me escrevêram, escrita na outra meia fôlha désta fôlha, com a informação que ácêrca do conteúdo na dita carta me enviou o Corregedôr das Ilhas dos Açôres: hei por bem concedêr aos oficiais da Câmara da dita Vila e ilha, que ora são e ao diante fôrem, por espaço de bj (6) anos mais, além do tempo que lhes já para isso fôï dado, a imposição nos vinhos, carnes e azeites da dita Vila e Ilha do Faial, para os gastos e despêsas do Concêlho déla, que são: criação de engeitados, lenha e azeites dos corpos da guarda e outros, visto como pela muita informação constou a dita Câmara e Concêlho não têrem renda de que as ditas despêsas se póssam fasêr, o que tudo assim me prás, com declaração que a metade do rendimento da dita imposição de cada um dos ditos bj (6) anos, se gaste nas ditas cousas por autoridade dos ditos oficiais da Câmara; da outra metade se dispenda por ordem de Jerónimo de Utra Côrte Rial, Fidalgo da Minha Casa, Capitão e Governadôr das Ilhas do Faial e Pico, nas fortificações da têrra, pólvora

e outras munições, e não se poderá dispendêr o dito rendimento da imposição em outra alguma cousa senão nas sôbreditas, a qual imposição assim concêdo pela maneira nêste Alvará declarada e com tôdas as mais cláusulas e declarações que se contém na provisão por que já se lhes concedeu, e o escrivão da Câmara da dita Vila e Ilha do Faial, será escrivão da dita imposição e terá um livro numerado e assinado pelo Juís Ordinário e mais vélho déla, com o seu encerramento confôrme a Ordenação, no qual escreverá em título por si a receita do dinheiro da dita imposição, e, em outro título apartado, a despêsa que dêle se fizêr pelo modo e nas cousas sôbreditas, e no princípio do dito livro se trasladará êste Alvará para se sabêr como assim o houve por bem, e êste Alvará se cumprirá e guardará inteiramente sem lhe a isso ser pôsta dúvida nem contradição alguma, e quéro que valha, etc., na fórma. — Pêro de Seixas o fês em Lisbôa a xj (11) de Abril de j^blrij (1592)» (1).

Parêce que a fortificação do Faial não pôde levar-se a efeito com rapidês, ou se tal succedeu fôï ineficás, porque de 1597 a 1599 os corsários inglêses, comandados pelo Conde de Essex, invadiram a Ilha, onde queimáram tôdas as igrejas e os cartórios dos tabeliães, saqueáram as casas, levando para bórdo até os mais insignificantes móveis, profanáram as sepulturas e desenterrando os cadáveres espalháram-lhes os óssos, numa fúria diabólica.

Depôis dêsta época, os espanhóis apressáram-se a construir fortalêsas em tôdos os *pórtos e areiais de bom surgidouro*, como diz Frei Diôgo das Chagas, no manuscrito «*Espêlho Cristalino em jardim de várias flôres*».

Voltando a referir-me à mêmua Ilha, na memória «*Influência do Canal de Panamá no movimento dos pórtos portugúeses*», apresentada ao Grande Congrêso Nacional de Lisbôa de 1909, depôis de acentuarmos quanto éla vale para Portugal e para a sua aliada, a Gran Bretanha, por sêr a estação central dos cabos telegráfico submarínos, que ligam a Európa à América do Nórtê, valôr que aumentará extraordinariamente no dia em que as águas do Atlântico se confundirem com as do Pacífico, ao cortar-se o ístmo onde se despédem dois continentes e se únem dois oceânos, insertámos uma

(1) *Chancelaria de Dom Filipe I. — Doações*, liv. 28, fl. 19 v.

exposição que se conservára inédita, de Donald Campbell, escrita em 1798, precedendo-a destas palavras:

«Por sêr curiosa e defendêr o estabelecimento de um pôrto-franco e pôrto-militar na Ilha do Faial, publicâmos, sem alterar a respéctiva ortografia, algúns trêchos de uma *memória* escrita em 1798, por Donald Campbell, e que tem permanecido inédita.

«O leitôr verá que os antigos víam e previam o que aos contemporâneos meréce insignificante atenção, para não dizêrmos nenhuma atenção.

«Nóte-se que nos referimos aos nòssos compatriótas, salvo raríssimas excépções, que consignâmos, e que que são os Srs. Generáis Rodrigues da Còsta e Morais Sarmiento, e o illustre secretário da «Liga Naval», Sr. Pereira de Matos.

«Os estrangeiros conhécem muito bem a importância estratégica dos Açòres, especialmente da Ilha do Faial, e que aumentará depòis da abertura do Canal Interoceânico, na América Central.

«Eis a *memória* de Donald Campbell:

*Reflexões sòltas sòbre as Ilhas
dos Açòres por Donald Campbell
em 1798*

«Basta lançar um gólpe de vista pelos mapas para fácilmente se reconhecer a felís situação às Ilhas dos Açòres, mui próprias para criar um depósito universal de tòda a qualidade de comércio; o que é tão notório que pouca ou nenhuma illustração se fás necessária para estabelecer êste fácto».

Ora Campbell recomendava que, além de se decretar a franquia aduaneira na Ilha do Faial, para fasêr ali um grande depósito de mercadorias europêas e americanas, se fortificásse a mesma Ilha por fôrma a torná-la inexpugnável e a garantir assim a segurança das riquêsas armazenadas e atrair o seu maior número. Julgava Campbell o pôrto da Hórta, apesar da sua vastidão, insuficiente para contêr as embarcações que o demandássem e para o ampliar, escreve:

«.....
«Muito melhoramento se podia fasêr na Ilha do Faial; e se ésta Ilha pertencêsse à Gran-Bretanha, seria uma das mais

valiosas posições ou colónias que éla podia têr. Como aí facilmente se podia fasêr um bom pôrto e a Ilha tornar-se incontestável; estabelecendo-se um pôrto livre, seria um depósito universal.

«.....
«A maior vantagem que o Faial tem é que de verão e muitos dias do invérno há bom surgidouro onde os navios pôdem carregar e descarregar sem entrar no mólhe. Este mêsmo surgidouro que se acha colocado entre a Ilha do Pico e do Faial pôde servir de muita conveniência em tempo de guérria a combóios e esquadras, ou nóssas ou aliadas; porêem, assim como êste surgidouro é de grande conveniência, também pôde servir de grande prejuízo a êste pôrto no caso dêsta Ilha sêr atacada, ou bloqueada por inimigo de fôrças marítimas superiores, onde a esquadra inimiga se pôde conservar fundeada, fóra do alcance da artilharia, prosseguindo nas suas operações ofensivas, ou de bloqueio, sem a possibilidade de entrar ou de sair embarcação alguma....

«.....
«O mólhe propôsto a fasêr-se pelos americanos se podia fasêr por 300 mil cruzados, ainda que tenho notícia que havia há 20 ou 30 anos um engenheiro francês que projectou um mólhe, quási como o que eu propônho, por 200 mil cruzados.

«Estou persuadido que ainda com ésta despêsa se faria um pôrto na Vila de Hórta, capás de contêr 200 até 300 navios mercantes; em muito poucos anos tal seria a concorrência do comércio para êste pôrto, que seria preciso para a sua acomodação, estendêr muito os seus limites; o que bem se podia fasêr pelas vantagens do mêsmo comércio, bloqueando com uma muralha fôrte a bôca de Porto Pim, que abre para sudoeste, golpeando então a estreita garganta de areia que (a) divide em dois pôrtos, e fazendo uma comunicação entre um e outro pôrto, a qual aumentava os seus limites, até pôdêr contêr mil embarcações; e nésta emenda se podia facilmente cuidar em construir diques e arsenal para estabelecimento da Marinha.

«O cálculo da despêsa necessária para ésta última obra é impossível presentemente fasê-lo; porêem, julgo que não seria mênos de 500 a 600 mil cruzados.

«.....».

Agóra, pelo documento que se sêgue, viêmos a sabêr que o projecto de Campbell não éra nôvo. Outro o precedeu, se

bem que Campbell não o plagiásse, porque, com tôda a probabilidade, ignoráva-lhe a existência.

*

* *

Nas *Consultas de Partes*, entre os anos de 1629 a 1630, lê-se que António Ferreira de Béthencourt, Provedor da Fazenda Rial, nas Ilhas dos Açores, pediu licença para vir ao Reino tratar algumas matérias do serviço de Sua Magestade, indicando para o substituir, seu genro, Agostinho Bórges de Sousa.

Têve consúta favorável em 13 de Novembro de 1629, assinando-a Luís da Silva, Rúi da Silva e Simão Soares, tôdos membros do Consêlho Ultramarino. Conformando-se com éla em 21 de Abril de 1630, o Rei deferiu que viesse a Lisbôa e se substituísse pelo dito Agostinho Bórges de Sousa.

E na consúta que, por extracção, consta Filipe IV pretendêr o estabelecimento de um pôrto militar na Ilha do Faial. E essa consúta a revelação de vistas mais largas que se supunha, até agora, não têm o Rei intruso e os seus ministros, aquêle e êstes, talvez injustamente alcunhados de puras incapacidades.

Eis a consúta:

..... na sua petição (de António Ferreira de Béthencourt) encontra-se que Vossa Magestade lhe mandou por avisos particulares que houve, que êle suplicante fôsse logo à Ilha do Faial e assistisse na guarda e defensão dêla, se acaso o inimigo a quizesse entrar, como se temia e que entretanto visse e examinasse bem o sítio e lugar que se chama Pôrto Pim, donde se podia faser uma obra em que pelo inverno e pelo mais discurso do ano pudêsem estar seguramente náus da Índia, galiões, e mais navios das conquistas, e assistindo êle suplicante na dita Ilha, como por Vossa Magestade lhe fôï mandado, viu e examinou bem a importância da matéria e dispondo das cousas da guerra e da defensão presente, tratou juntamente de dar principio à obra do dito pôrto, soldando a parte e lugar, donde melhor se podia faser, cortando muito comprimento de uma rocha de que fês a Vossa Magestade uma larga relação, com o debuxo e traça do dito pôrto, da fortificação dêle, e da facilidade e pouco cabedal com que poderá faser-se, e a bôa vontade com que os moradôres daquêla Ilha, e as pessoas que lá tem sua fa-

zenda querem contribuir para tal obra, que é a de mais importância que para as conquistas destas coróas se pôde oferecer; e agora que se deu principio a éla, convém mais, por amor dos inimigos, dar-se-lhe fim com a brevidade possível».

Não se prosseguiu na obra planeada, mas a fortificação da Ilha continuou durante o domínio filipino e depois da restauração, a ponto de, em 1762, como se vê duma representação ao Rei, existirem 22 fortalêsas com sua artilharia e 20 companhias de milicianos.

*
* *

Decorridos quasi trezentos anos, o pôrto militar na Ilha do Faial, concebido pelos espanhóis, continúa a sêr uma aspiração, uma químera, por insuficiência de meios pecuniários para a sua realização, pois está orçado, ao que ouvimos, em 4.000:000:000 réis.

Mas dêmos licença, gratuitamente, para que o cabo telegráfico-submarino, directo, da Inglaterra a S. Vicente de Cabo Verde, amarrasse no Faial, cabo que vale milhões, por sêr autónomo, que liga três continentes, que não está sujeito a nenhuma fiscalização de potência forte, um cabo verdadeiramente estratégico, nôvo esteio do poderio e segurança da grande nação amiga, cujo espirito pratico nunca soubemos imitar.

Pôis a trôco de tal licença não seria difficil conseguir a quantia necessária para levar a effeito o pensamento do monarca castelhano, com as modificações indispensaveis que aconselhar a moderna arte da guerra.

Que pena fás vêr a leviandade dos nossos homens de governo, cujo característico inconfundível é não sabêr governar e ignorar o que mais convém ao país!...

Ao mênos se a ignorância dêles fôsse a irmã gêmea da inocência....

Fortificações na Ilha do Faial em 1710

O Castêlo de Santo António, no lugar da Crus (Santa Crus), sôbre o pôrto.

O Redúto de Santo António.

O Fôrte da Boa Viagem.

O Fôrtim do Bom Jesús.

*